

Mais uma exposição de Cruzeiro Seixas dizem amigos e inimigos e com igual espanto, indignação e ironia, digo-o eu. De facto, há um excesso de problemas que detectamos, mas que não sabemos resolver. A invenção de novos mitos, essa por demais evidente satisfação que o homem tira do erro, esse espelho sempre atravessado por nuvens, o falhanço dos que esperam que a liberdade lhes seja dada pelos políticos, quando ela só pode estar dentro de nós, ou aqueles que quando lhes é dada a liberdade, tão mal a sabem usar.

O que sei é que comecei muito cedo a meter na cama todas as paisagens, árvores enormíssimas, rios, montanhas, o mar em fúria, catedrais góticas, castelos, o arco-íris, etc., etc., etc.

Evidentemente que não fui capaz de aprender a tabuada e ainda hoje não sei se isso aconteceu por estupidez ou por inteligência. Um inútil que não passou pelo liceu, nem por faculdades nem sequer pelas "Belas-Artes". Um tipo assim não precisa de ser "artista"; sempre me disse como um homem que pinta, não como um pintor. Para tudo o que desenhei e pintei não precisei de mais do que um qualquer canto de mesa. Hoje, com 88 anos sei que a tabuada não me fez falta nenhuma. Não pedi NADA A NINGUEM e não morri de fome.

Ouvi dizer que Dostoiewsky dizia que para ele dois e dois nunca eram quatro. O mesmo me aconteceu.

Tive grandes amigos, arvores, pedras, canetas. E amigos como o Cesariny de quem estão depositadas cento e tal cartas na Biblioteca Nacional em que ninguém pega. E refiro-o com toda a grandeza de quem partindo cedo, partiu inteiro, o António Maria Lisboa.

E o Mário Henrique Leiria. E o Fernando José Francisco, de que quase apenas a memória resta. E o António Pimentel Domingues, e o António Quadros e o Mário Botas. Estes e muitos mais; Mário Eloy. Mário Sá-Carneiro, Júlio (dos Reis Pereira), Camilo Pessanha, Ernesto Sampaio, e tantos, tantos outros. O melhor de mim, a eles o devo, e, por certo, com eles partiu. Isto sem esquecer os inúmeros de que, a obra de arte era a sua própria vida de todos os dias. E há este local geográfico que é todo o meu grande luxo; não o trocava por nenhum outro, isto por razões que nada têm a ver com o patriotismo.

Nos anos 40 a maioria dos que se reuniam no café Hermínius ainda não tinham atingido os vinte anos, mas reinventávamos o possível à medida do tempo Pidesco que nos impunham.

Que é feito desses que abriram portas geniais para o futuro como Isidore Ducasse, Fourier, Freud, Picasso, Magritte, Chirico, Artaud, Breton, Tzara, Duchamp etc., etc., etc? Que cenários tristes outros puseram para além dessas portas?

E não posso deixar de referir África, uma África em tamanho natural, os jornais da época referem a quem se queira documentar, a grande diatribe aquando das minhas exposições de 1953 e 1955, explicitamente anti-colonialistas, em que a folha volante transcrevia um poema de Aimé Césaire. Foi ali que nasceram os meus primeiros poemas escritos, foi ali que vi o fim de uma civilização, pois de uma civilização se tratava. É com o abecedário, não com os números, que faço as contas que faço.

A ninguém prometi o sublime. Não vos sei dar mais do que esta respiração alterada.

Cruzeiro Seixas

Fevereiro 2009

- Quais são as ocupações diárias de um pintor?

- Primeira coisa; de manhã faz um buraco na crosta celeste que dá para o vazio. Depois degola um pinheiro e falha o seu percurso. Inspecciona o seu dada, atrela o cavalete ao seu dada. Desça para a crosta terrestre e está de bom humor. Pinta uma fechadura na parede e, através do buraco, descobre as frágeis penas de luz. Saúda alguns Deuses obscuros e a ninfa Eco. Uma pegada ao lado de um túmulo aberto indica-lhe que o dia será belo, que a colina estará inspirada e que os homens não o saberão.

Max Ernest

*Écritures avec cent vingt illustrations extraites de l'oeuvre de l'auteur  
Le point du jour, NRF - Editions Gallimard, 1970*

“O Irreal é o real à espera de ser criado”

-António Cândido Franco-